

OS FILHOS DA EXCLUSÃO: NARRATIVAS ORAIS DA LÁZAROPOLIS DE SANTO ANTÔNIO DO PRATA

Samara Ferreira da Silva¹

RESUMO

Este trabalho procura apresentar novas possibilidades de entender a história de uma localidade amazônica por um ângulo diferente. Por isso, considera o estudo e análise de narrativas, usando uma entrevista com moradores que viveram na Lázaropolis do Prata, local construído no município de Igarapé Açu- PA, para abrigar portadores da hanseníase. Para tanto, será empregado os conceitos de memória e narrativa, na teoria basilar de Le Goff (1996). Sobre os conceitos de identidade e oralidade constituirão os alicerces teóricos: Fernandes (2005, 2011, 2013) Goffman (2004,2011) e Veloso (2015). Enquanto para desenvolver os conceitos de corpo e da doença (hanseníase) serão empregados Richards (1993) e Revel & Peter (1995). O procedimento metodológico está pautado em uma abordagem qualitativa de natureza aplicada, com o objetivo descritivo, utilizando como procedimento a pesquisa de campo na localidade da Vila do Prata. Preliminarmente, concluiu-se que as narrativas orais ajudam a compreender a história através das experiências de pessoas. A importância deste estudo para os estudos literários é de compreender como a memória, através de narrativas orais, pode contribuir para os estudos que envolvem a oralidade e identidade na história. Para assim, contribuir para o entendimento da importância da história da localidade do Prata como um marco histórico sobre as medidas profilaxias aplicadas no Brasil para o combate da hanseníase.

Palavras-chave: Hanseníase, Narrativas Oraís, Lepra, Amazônia, Prata

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o intuito de analisar os aspectos sobre narrativas orais de pessoas que conviveram com o cerne da hanseníase² em uma ex-Colônia Agrícola. Portanto, tudo será embasado em teorias que apontam conceitos chaves, como: memória, narrativa e literatura oral. O presente trabalho manteve o foco em entrevistas realizadas na localidade de Santo Antônio do Prata, interior do município de Igarapé-Açu-PA, com pessoas que viveram na época de funcionamento da “Lazarópolis³ do Prata”. O primeiro espaço criado no Brasil para abrigar portadores de hanseníase, mediante a separação compulsória de suas famílias. Medida tomada no período do pleno funcionamento da Instituição.

O primeiro contato com a comunidade de Santo Antônio do Prata aconteceu no ano de 2014, através de amigos. Tive contato com alguns moradores. Eles contaram diversas histórias

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA. Graduada em Letras – Língua Portuguesa, pela mesma Instituição. E-mail: samcond.sc@gmail.com

² De acordo com, Richards (1993), doença causada pelo Bacilo de Hansen (*Mycobacterium leprae*)

³ Lazarópolis: Substantivo formado pela aglutinação das palavras Lázaro+Pólis. Lázaro - oriundo do hebraico Elazar, que significa ajudado por Deus, porém o nome Lázaro empregado neste contexto significará “leproso”, “miserável” ou “aquele com o corpo coberto por chagas”. A palavra Pólis (cidade), portanto faz acepção a “cidade dos Lázaros”

e os conflitos sociais dentro da localidade. Este trabalho oferece o âmbito científico das histórias pouco contadas, por diversas vezes silenciadas, de um período onde o imaginário medievo repleto de estigmas a respeito de uma enfermidade prevaleceu. No desenvolver do trabalho irá ser exposto como a doença era vista pelas pessoas que conviviam com os doentes, de maneira que revela com intensidade o olhar dos filhos da exclusão sobre a doença.

Outro ponto, desta pesquisa e a validade desta para a comunidade de Santo Antônio do Prata, de que valeria esta pesquisa se não trás benefício para os moradores do Prata? Não seria válido o trabalho, simplesmente. Este trabalho irá beneficiar as pessoas, pelo modo que serão divulgados os dados, rompendo o silêncio de anos, da inauguração e extinção da Lazarópolis do Prata.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como foco a análise de depoimentos concedidos por três moradores da ex-colônia agrícola de Santo Antônio do Prata, a “Lazarópolis” do Pará, localizada nas adjacências do município de Igarapé-Açú. Todos os entrevistados presenciaram e conhecem o cotidiano dos internados, que eram retirados do convívio social, para uma sociedade a parte, cercada por preconceitos.

Neste momento serão identificados os responsáveis pelos depoimentos usados, aqui neste trabalho como o corpus:

- a) O primeiro entrevistado chama-se Paulo de Oliveira Barbosa, 59 anos, ex-interno⁴, conhecido popularmente pelos moradores como Paulo Bocão, como também prefere ser chamado.
- b) Por seguinte, Manueo Morais Tota, 58 anos, filho de internados⁵.
- c) A terceira entrevistada chama-se Ester Pinto da Silva, 48 anos, filha de ex-interna.

A localidade onde residem atualmente estas pessoas é popularmente conhecida como Vila do Prata, situado à aproximadamente 50 km do município de Castanhal, com fácil acesso pela BR316, a via que leva a comunidade é asfaltada, até o local onde seria realizada a entrevista, na taberna de Ester, localizado as margens da estrada, bem no centro, à poucos metros da capela. Ali mesmo por coincidência estavam sentados os outros dois já apresentados: Paulo Bocão e Manueo. Ali, na taberna, sentada comodamente, foi neste momento que o

⁴ Termo usado para qualificar a pessoa que viveu em uma Colônia de internação compulsória contra a lepra.

⁵ Palavra empregada para substanciar o indivíduo que viveu e faleceu dentro do regime segregacionista da Lazarópolis.

histórico do Prata foi apresentado, em uma agradável e surpreendente conversa - entrevista. Ali começou o trabalho com as memórias da ex-Lazarópolis do Prata.

A primeira visita, neste local para esta pesquisa, foi feita no dia 13/01/2015, onde houve o primeiro contato com o local e moradores, para que esses soubessem o caráter desta pesquisa realizada para trazer à tona o passado do Prata, por vias orais. A memória deste lugar apresenta um marco na história da ciência amazônica brasileira sobre o controle da Hanseníase, que é silenciado e esquecido.

O local da entrevista era a taberna de Dona Ester, que é cercada pelas construções históricas do período de fundação da Ex-Colônia. Em todos os lados havia um prédio que representava um pouco do passado. Como exemplo, a antiga enfermaria, do lado um prédio onde funciona a famosa “boca de ferro”, uma corneta no alto de uma torre, que ainda funciona como a rádio local. Todos sentados á mesa, pela manhã, inclusive os pesquisadores adjuntos ao grupo de pesquisa Oralidade e Ficção, coordenado pelo Prof. José Guilherme Fernandes⁶, juntos com os três entrevistados, todos juntos em volta de uma mesa, onde Manueo estava saboreando uma cerveja e Paulo Bocão bebia um refrigerante.

Na lateral da rádio, há uns poucos metros, o símbolo da presença da Ordem dos Capuchinhos, Igreja de Santo Antônio do Prata. Bem próximo, da igreja, um dos prédios que mais chamou atenção durante a pesquisa, apesar do abandono, a grande escadaria e uma considerável porção de janelas. Próximo da taberna de Ester, do outro lado da rua, estava a antiga carpintaria, toda estruturada feita em madeira, diferente dos outros prédios modelos “Carville”⁷, do lado dela a caixa d’água, bem atrás um barracão antigo, onde reside Paulo Bocão. Nas proximidades estão espalhadas casas construídas na época, que apresentam um valor histórico, quando ainda o local era conhecido como Lazáropolis do Prata.

Esta introdução ao espaço é indispensável para que haja o entendimento do espaço, das características sociais e históricas das pessoas ali envolvidas na entrevista: Grupo de pesquisa e três entrevistados. Portanto, a constituição dos enunciados é marcada pelas seguintes particularidades:

a) Sobre o espaço onde a entrevista seria realizada. Um espaço conhecido pelos narradores era o ideal, onde eles visitam no cotidiano: a taberna da Dona Ester na Vila de Santo Antônio do

⁶ Docente-pesquisador da Faculdade de Letras e PPG em Estudos Antrópicos na Amazônia, Campus Universitário de Castanhal

⁷ Modelo dos prédios construídos nas Lázaropolis, inspirados na ideia norte-americana proposta pelo arquiteto Adelardo Soares Caiuby.

Prata. Nesse espaço eles poderiam assumir o desempenho real deles para esta pesquisa, ou seja, narradores do corpus aplicado e analisado aqui no trabalho.

b) Sobre os grupos envolvidos na pesquisa. Os pesquisadores demonstravam interesse em ouvir as situações ocorridas no período de funcionamento da Lázaropolis do Prata. Principalmente, os informantes estavam interessados em falar o que haviam presenciado, pois o grupo de pesquisa representava uma instituição que iria legitimar a cientificidade do discurso dos entrevistados.

c) Sobre a Localização da pesquisa. No centro da antiga Lázaropolis, foi realizada a entrevista com três pessoas que residem desde o funcionamento do espaço. Eles sabiam qual a localização e função de cada prédio histórico naquela época: Igreja, enfermaria, administração, guaritas, refeitório, conjuntos habitacionais e outros espaços.

Sob estas condições físicas, históricas e sociais estão inseridos Manueo, Ester e Paulo Bocão. Portanto, os entrevistados partiram de uma situação cotidiana, era perceptível que os narradores estavam acostumados a dar informações, pois o lugar é um dos polos mais visitados por pesquisadores de institutos de outros estados, como FioCruz e órgãos universitários de pesquisa. Estes pontos com recorrência são destacados na fala dos entrevistados. Para iniciar o trabalho de campo, o elemento escolhido para iniciar o encontro foi o Movimento de Reintegração das pessoas que foram afetadas pela hanseníase, um ensejo para começar, a saber, sobre questões mais próximas vividas pelos narradores/entrevistados, o que facilitou bastante todo andamento da entrevista.

À medida que as histórias de vida se apresentam através da via oral, os narradores concentram informações sobre a vivência dentro da Lázaropolis. São narrativas orais que aparecem dentro da sociedade criada para os “leprosos” (hansenianos) na Amazônia. Logo, o texto de gênese oral será destacado de forma diferente no texto. De acordo com Fernandes (2011), para dar importância e ambivalência tanto para o oral quanto ao escrito é necessário que haja uma identificação envolvendo fontes tipográficas diferentes. Deste modo, será usada para o discurso monográfico acadêmico deste trabalho a fonte Times New Roman, fonte 12.

O tipo escolhido para adaptar o texto de procedência oral será transcrito pela fonte *Lucida Handwriting*, fonte 10. A escolha por essas tipografias no texto é que uma possui pela práxis um caráter científico, enquanto a outra possui um estilo que imita o modo de escrita cursiva, originária do corpo. Portanto, o uso destas distintas fontes não haverá o uso das aspas para destacar o texto em sua forma literal, pois será notável a oposição entre os discursos monográfico e oral

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa irá destacar sobretudo o trabalho com a linguagem, assim será destacado, também, a evolução dos termos que eram usados como nomenclatura popular para substanciar a doença. O termo lepra é oriundo do idioma grego que significa "escamoso", um significado atribuído para traduzir o vocábulo hebraico antes usado para designar o mal causado pelo pecado "impuro". Segundo Richards na Idade Média a enfermidade "era o sinal externo e visível de uma alma corroída pelo pecado" (1993, p. 153), neste mesmo período o corpo mutilado junto com o mau odor causado pelas chagas e a falta de cuidados médicos dos chamados "leprosos" fez com que o termo se enraíza ainda mais o estigma.

A hanseníase na história vai além de uma mancha na pele de um enfermo ou de alguma deformidade em um corpo, Richards (1993) aponta: "Talvez não exista na história nenhum doença que tenha causado tanto medo e asco quanto a lepra.", marcou a história da humanidade de maneira significativa, ultrapassou os limites científicos, onde atingiu de modo característico as estruturas familiares e sociais, durante séculos, e atualmente permanece no hall das doenças mundiais mais lembradas e estigmatizadas.

Conforme, Revel & Peter (1995) a história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações, onde as pessoas que foram infectadas pela — "lepra", foram marcadas além da pele, mais também na lembrança pessoal e social. O estigma desta doença mudou a vida de milhares de homens e mulheres no mundo. Goffman (2004) analisou de forma sincrônica e pôde notar as diferentes formas de manifestação dos estigmas, são eles: "abominações do corpo", "culpas de caráter individual" e "estigmas tribais de raça, nação e religião":

(...) acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos sua chance de vida: Construimos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa (Goffman, 2004, p.8.)

O "leproso" será um termo preconceituoso que "será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos.". De acordo com (Goffman 2004, p.13) a lepra foi o termo que atingiu a moral e a identidade de várias pessoas, enquanto a hanseníase afligiu o corpo. A memória da Lázaropolis de Santo Antônio do Prata apresenta um marco na história paraense sobre o controle da Hanseníase.

A memória é o trâmite da história da humanidade, o artífice pelo qual a humanidade, no sentido escatológico, pôde aventurar-se a prever o futuro. De acordo com Le Goff (1996) a Memória é o antídoto do esquecimento. Os narradores através tomam posse do discurso em 1ª pessoa, onde se remetem aos acontecimentos de um passado remoto de sua vida, por isso:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (Le Goff, 1996, p. 477)

O tema principal deste trabalho circunda um eixo central os aspectos sobre a internação compulsória aplicada pelo Estado, na narração dos filhos separados. Contudo, durante toda a análise do material coletado através de uma entrevista gravada, foi possível perceber. Pois, para Fernandes (2013. p.75) o narrador/protagonista, responsável interlocução, “(...) na estrutura da narrativa em história oral existe um primeiro momento que pode ser estabelecido in praesentia com questões sobre o trabalho, a distribuição das tarefas domésticas, a organização da casa.”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista foca-se principalmente no paralelismo entre o passado e presente do Prata, em forma de áudios, dados coletados através de depoimentos que fazem o contra ponto entre esses dois tempos distintos sobre a realidade de Santo Antônio do Prata quando ainda era uma colônia de internação compulsória e atualmente após o fechamento desses espaços. Desta forma foi possível fazer comparações entre as distintas épocas vividas pelos três narradores. Com isso o narrador, Paulo Bocão, inicia como “dono da voz” retomando os aspectos institucionais e ao órgão responsável pela indenização de pessoas portadoras de hanseníase, MORHAN⁸:

⁸ Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase, fundado em 1981.

Na primeira parte do depoimento de Paulo Bocão, notasse o distanciamento de questões mais reservadas, porém o entrevistado emprega os termos na 1ª pessoa do plural, para representar o grupo: nós já fizemos um trabalho que não fomos pioneiros, E nós fomos, nós vamos ser pioneiros. Com o uso dessa forma verbal destacada anteriormente, pode-se compreender que Paulo Bocão assume o papel do representante político na Colônia.

A construção de um espaço maior, que vai além do espaço da Colônia do Prata. A separação dos filhos que nasciam dentro da colônia, o paradeiro de diversas crianças no exterior. O discurso narrativo parte de uma situação maior, para depois tecer as sinuosidades dos casos do cotidiano da colônia do Prata. Este é o lócus, a descrição sobre tudo o cenário que estavam inseridos os entrevistados, que iriam narrar suas vidas. Pois:

(...) na estrutura da narrativa em história oral existe um primeiro momento que pode ser estabelecido in praesentia com questões sobre o trabalho, a distribuição das tarefas domésticas, a organização da casa. Inclusive, nesta estratégia inicial de entrevista, pode-se mais explicitamente compreender a construção de uma persona (máscara) pelo narrador em relação ao personagem, em nosso caso narrador e protagonista se confundiam (narrador autodiegético). Por isso, considero as lexias desse grupo temático (sociedade e comunidade), particularmente o tema trabalho, como espaço da encenação privada e cotidiana: o narrador/protagonista faz-se frente à interlocução (Fernandes, 2013. p.75)

Os núcleos de pesquisas de histórias orais precisam estar atentar ao fato que “entre o narrador e o dramaturgo a diferença é de sentido: enquanto este escreve para encenar, aquele encena o que será escrito pelo pesquisador” (Fernandes, 2005, p.157). No estudo das narrativas orais é preciso lembrar que antes de falar a mente do locutor passa por um processo de criação, o pensamento precisa se organizar para que o sujeito passe a ser um enunciador que exhibe, acoberta, debate, argumenta e opina sobre algo que conhece.

Após algum tempo, Ester compreende o drama dos filhos que foram arrancados das famílias, que Paulo contou. Ela foi separada da mãe, ainda quando criança e decide contribuir com a pesquisa, trazendo lembranças da época, quando ela era mais jovem, quando vivia a realidade da Lázaropolis do Prata:

É porque tinha a corrente, né, que separava lá no 19 e uma corrente ali, então aqui os filho, não podia ficar, ninguém que fosse sadio, só os hansenianos, aí a gente vinha visitar, mas tinha quem fica-se na segunda, tinha que ficar

escondido, aí já tinha que retornar, porque se o Doutor soubesse ou a Doutora Glória.

(...) fui interna do Sagrado Família. A minha mãe... Minha mãe... Aí eu fui interna no colégio de freira, dá tem, Centro Educacional Sagrada Família, em Ananindeua. Em Ananindeua aquelas irmãs que terminaram de me criar, aí depois que liberou que a mamãe foi buscar a gente, pra cá, né, e o meu irmão.

Ester, sai da esfera geral da narrativa, transpondo todos os ouvintes para o um lugar próximo, a própria Colônia do Prata, narrando a história de um outro tempo, de quando ainda era menina e foi enviada para um internato, há marca de personalidade no discurso da entrevistada: *fui interna, terminaram de me criar e o meu irmão.*

Além de usar termos que expressam a condição do relacionamento entre pais e filhos por causa do regime da Colônia, através dos fragmentos destacados: *aquí, os filho, não podia ficar, ninguém que fosse sadio, só os hansenianos a gente vinha passar só umas férias, uns diazinhos, tinha que voltar.* A disposição dos vocábulos expressão a ideia de pesar, “só” e “diazinhos”, para enfatizar o pouco tempo que ela passava com a mãe nas visitas, não suprisse a saudade causada pelo tempo de afastamento.

Em seguida Manueo, delineia a organização da Colônia, para explicar como funcionava esse afastamento, além de qualificar a Colônia como uma verdadeira prisão. Goffman (2001, p.11) aponta a organização desses espaços como “um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada”, característica aparecida no trecho abaixo:

Aquí era uma colônia de regime completamente fechado. Tinha guarda interno, tinha prefeitura, tinha guarita em certos pontos estratégicos, aquí a mata ao redor era vigiada por três, três vigias! Não podia entrar aquí, tinha um dia de visita aquí, quinta-feira parece, só podia entrar aquí a partir dos 15 anos, 18 anos. Era totalmente fechado. Pegasse uma pessoa de menor por aquí, era um isolamento, era um presidio mesmo, era um presidio, era tudo cheio em baixo de ordem mesmo, não podia sair. Se saísse um interno desse aquí tinha que dar ocorrência, tinha que... se não voltasse naquele prazo correto tu ia pra prisão, bem ali em baixo daquele pavilhão ali.

Na caracterização de Manueo – *Aquí era uma colônia de regime completamente fechado* – é esclarecido o motivo da afirmação por causa do sistema físico

usado no período da Colônia-Agrícola em elementos encontrados em outros exemplos de instituições totais assim como nos regimes penitenciários: *Tinha guarda interno, tinha prefeitura, tinha guarita em certos pontos estratégicos, aqui a mata ao redor era vigiada por três, três vigias! (...) Se saísse um interno desse aqui tinha que dar ocorrência.*

A fala do entrevistado procura sempre enfatizar a característica de prisão no período de funcionamento da Lázaropolis: Era totalmente fechado e era um isolamento, era um presídio mesmo, era um presídio, era tudo cheio em baixo de ordem mesmo, não podia sair. Notasse a presença do verbo “ser” empregado na forma do pretérito imperfeito do indicativo, “era”. A forma verbal faz referência a determinada organização social que não é mais usada na região do Prata:

Um evento ocorrido em um momento pretérito para sempre terá essa marca, isto é, o que ocorreu estará no pretérito perfeito ou no pretérito mais que perfeito, enquanto tempos verbais. O que ocorre é que, na tentativa de restabelecer o passado, utilizamos de subterfúgios, como o pretérito imperfeito e o particípio, tempos verbais que se caracterizam como a ocorrência, de um passado que se espraia no presente da enunciação da narrativa, ou seja, o tempo da narrativa se imiscui ao tempo da narração (Fernandes, 2011, p.42)

Para que a Lázaropolis funcionasse de maneira satisfatória, neste espaço, foram construídos diversos prédios. Como já mencionado por Manueo a presença de garitas e outros prédios dentro da Colônia do Prata. Segundo Le Goff (1996), a tradição oriental multiplicou as construções de obeliscos, de monumentos, representações figuradas para a perpetuação de fatos que deviriam ser lembrados. Vale ressaltar, do mesmo modo as construções de prédios dentro da Colônia (mesmo que abandonados) são o suporte que comporta uma sobrecarga de memória da Lázaropolis do Prata. O desamparo do governo por essas construções deixa claro o objetivo político implícito de abandonar essas lembranças, junto com as construções dessa época, forçando assim o esquecimento e impondo o silêncio.

Há um conflito entre a memória e o esquecimento atual no cotidiano de Santo Antônio do Prata. A memória parte dos que sofreram e esquecimento por parte do Governo. Sabe-se que a memória é um conjunto de informações que pode torna-se uma arma contra os planos dos grupos dominantes, que legitimam os discursos dos poderosos. É válida a pesquisa com narrativas orais, pois nem toda a população mundial é escolarizada, portanto há várias faces dentro da história, logo:

(...) não mais se trata apenas de uma simples fonte complementar do material escrito, e sim “de um outra história”, afim da antropologia, que dá voz aos “povos sem história”, iletrados, que valoriza os vencidos, os marginais e as diversas minorias, operários, negros, mulheres. (Joutard, 1998, p. 45 apud Veloso, 2005. p.19)

A história oral da “guerra contra a lepra” não foi diferente de muitas outras guerras. Vale ressaltar, que existem inúmeras pessoas foram mutiladas pela hanseníase, nos âmbitos sociais e clínicos. O Movimento de Reintegração de Pessoas Atingidas pela Hanseníase nasceu das inquietações das pessoas que tinham lembrança do tempo em que viviam nos leprosários. E o narrador continua esclarecendo que haviam casos de hansenianos trabalhando em lavouras dentro da Colônia, além de outros tratamentos feitos na época. As lembranças causam indignação em Paulo Bocão, que também questionava o processo de pesquisa dos tratamentos: *Então foi um cobaísmo, na verdade, esses homens foram usados por vários tipos de teste e medicamentoso, é... nessa questão, essa foi a primeira colônia agrícola do Brasil, a Colônia do Prata, pra cobaia, tratamento, experimental. Aqui tinha injeção de tatu, injeção não sei do que, isso e pá-pá, o cara inventava lá na Cochinchina e vinha aqui experimentar.*

Destaca-se nesse momento a hanseníase como uma doença ou um “elemento de desorganização e reorganização social; a esse respeito ela torna frequente mais visíveis as articulações essenciais do grupo, as linhas de força e tensões que o transpassam” (Rever e Peter, 1995, p.144). A desorganização social pelo fato de entes familiares serem encerrados em uma sociedade isolada onde aos poucos não cumpriam sua função como cidadão (pai, mãe ou filho) aos poucos as figuras parentais foram sendo mortificadas.

Conforme Goffman (2001) todo obstáculo colocado dentro da Lázaropolis entre o interno e o mundo externo configura a primeira mutilação do eu. Os papéis dos narradores mostram que houve uma reorganização social, pois há a mortificação do eu devido a uma série de questões humilhantes. Consequentemente cria-se a ideia que não há mais vida “lá fora” para o hanseniano, ele terá que se acostumar com a vida dentro da Lázaropolis do Prata. Manueo destaca:

Meu pai foi interno aqui junto com a mamãe, se conheceram aqui, mandaram vários filhos lá pro educandário “Inísui” em Belém.

Meus pais foram internos aqui, parece em 1935.

É eles vieram pra cá. Eles se conheceram aqui, fizeram um monte de filho, mandaram quatro lá pro educandário. E ele, muito deformado depois, resolveu

sair, fez eu e mais uns 15, por exemplo, não! Brincadeira minha (risos), mas já foi fora daqui, porque não queria mais mandar filho pro educandário. Não queria fazer filho, pra mandar pros outros não. Eu já nasci lá fora.

Um aspecto importante, destacado na fala de Manueo, é a o relacionamento dos internos como casais, bem como exemplo os pais dele que se conheceram dentro do regime da Lázaropolis. Na Colônia, geralmente, as histórias sempre começam com a separação dos familiares, é importante deixar claro que as instituições totais, como os leprosários, são:

(...) incompatíveis com outro elemento decisivo de nossa sociedade – a família. A vida familiar é às vezes contrastada com a vida solitária, mas, na realidade, um contraste mais adequado poderia ser feito com a vida em grupo, pois aqueles que comem e dormem no trabalho, com um grupo de companheiros de serviço, dificilmente podem manter uma existência doméstica significativa. (Goffman, 2004, p.22)

Os hansenianos do Prata não constituíam famílias, pelo fato, dos filhos eram tirados dos pais (ou vir-versa), pois a hanseníase naquela época era considerada doença transmissível. Porém, o pai de Manueo sai da Lázaropolis por conta própria: *porque não queria mais mandar filho pro educandário*¹⁴. *Não queria fazer filho, pra mandar pros outros não. Eu já nasci lá fora.* Manueo usa o “porque” para explicar o motivo pelo qual o pai saiu do Prata, exercer a paternidade ou maternidade para um doente era tarefa difícil dentro da Colônia.

Interrogado se chegou a contrair a doença Manueo diz que sofreu muito com o preconceito:

Não, nunca cheguei, mas fui muito taxado de filho de leproso, não podia namorar com ninguém.

Alí no 18! Alí no 18! Alí tem uma vila. Alí que eu estudei, um vilarejo alí.

Manueo usa termos para organizar o espaço *Alí no 18!* Para implicitamente destaque a ideia de dois espaços em um determinado ambiente geográfico, além do espaço discursivo. – Se **Ali** é o 18 (ele – perto daqui), então de acordo com o sistema de ideias, **Aqui** (eu – locutor – pra cá, bem perto do espaço do narrador na Colônia do Prata) e **Aí** (tu – ouvinte, espaço discursivo do Grupo de pesquisa).

Outro narrador tem um discurso que marca a diferença entre os espaços geográficos da “sociedade sadia” e a Lázaropolis, foi Paulo Bocão. Através da narração dele houve coisas que foram surpreendentes na pesquisa. Uma das passagens marcantes desta pesquisa foi a

descoberta do sistema monetário da Lázaropolis do Prata. Existiam pontos maiores sobre o preconceito dentro da colônia:

... pra tí ter uma ideia tinha uma moeda, a própria moeda. Nós tínhamos... é... o internado, tinha sua própria moeda, todo mundo pegava no cruzeiro lá fora, mas aqui, era aqui uma moeda interna. Viu!

Da mesma maneira que Manueo diferencia os espaços através do discurso, Paulo também procura manter essa diferença, usa as partículas **Ali**, **Aqui**, **Aí** e **Lá** (Eles – fora do espaço da Lázaropolis). Paulo destaca as histórias institucionais dentro da Colônia, como exemplo a existência de um sistema monetário dentro do Prata que era diferente do resto do território Nacional:

Era... Tava escrito hospícios dos lázaros na costa dela, hospícios dos lázaros, só circulava aqui. Vamos dizer, eu tava internado aqui, aí alguém lá de Belém dos meus familiares vinham: “olha tá aqui, é cinquenta reais pra tí.”, aí eu pegava esses cinquenta reais, aí levava aqui na administração eles trocavam aqueles cinquenta reais em moeda corrente daqui, interna, que até hoje tem algumas moedas por aí.

Neste momento Ester deseja também expor o medo causado pelos doentes, na Colônia Agrícola do Prata as pessoas podiam ter conhecimento do aniquilamento do corpo causado pela doença:

Quando eu cheguei aqui, que eu era criança e vinha passar as férias, aí na ceara ali eles davam no natal presente. Aqui tinha muito doente gente e tinha uns que te davam medo, mesmo. Eu era criança, né, olhava assim “meu Deus do céu!”. A Antônia Zolhuda, eu logo me encantei com a Antônia Zolhuda, que chamavam, era uma senhora que tinha os olhos esbugalhado, minha Nossa Senhora! Tinha muito medo, não queria nem comer nada com medo, apavorada. É... diziam que um virava bicho, e era aquelas histórias, a gente ficava com medo. Mas a gente vai se acostumando, né.

Um dos momentos mais interessantes da pesquisa e entrevista é o surgimento de outros personagens com nomes, como exemplo Antônia Zolhuda. Estes personagens são empregados nas narrações como instrumentos para a sustentação do discurso:

A elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais: pessoas, e não grupos, se lembram. (...) se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira: sabemos que não é assim. Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernos, extrai memória de uma

variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática. Como todas as atividades humanas, a memória é social e pode ser compartilhada (razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a “história social”); mas do mesmo modo que langue se opõe a parole, ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais. (Portelli, 1998. apud. Veloso, p.25)

Ester descreve o lado “primitivo” da hanseníase, comparada aos outros narradores está mais ligada à discussão da memória, seja a memória particular quanto à coletiva. A narradora apresenta em seu discurso a figura do hanseniano como uma vítima do preconceito, entretanto é notável que apesar das infelizes condições dentro da Colônia, havia o riso. Enaltece os doentes, chegando a nomeá-los utilizando as pequenas histórias para elucidar a vida simples dessas pessoas:

A história do João Lima! João Lima. Tinha um cara aqui que dançava, e dançava bem! João Lima, foi pra uma festa, pra banda... atravessando, tinha muita festa pra lá, né, aqui quase não tinha. Ai chegou lá pegou, disque, dançou, dançou. Ai disque depois começou a querer dar uma íngua nele, uma febre. Num sentia no pé, né. Ai, ele sentou no canto da árvore, mas eu ria muito disso demais, disque ele foi olhar a ficha tava enterrada no pé. “Leproso é ralado”, (risos) ele dizia, “olha! Leproso é ralado” disque tirou a ficha. Dá febre e íngua. Assim como ele sente, não sente. É a dormência.

A narradora exclama para apresentar “A história de João Lima”. Ester assume o papel de uma contadora de histórias, sem pretensão, ela procura apresentar um dos personagens da vida real. Ao evocar o nome João Lima a narradora aciona sua memória, faz com que os ouvintes imaginem um homem. Por seguinte, ela apresenta características do personagem *tinha um cara aqui que dançava, e dançava bem!*. Este “cara” que dançava era João Lima. Ora, neste momento Ester começa a contar um pouco da história desse morador, os outros narradores ficam atentos, nesse momento todos se tornam ouvintes da contadora de história Ester.

Desenvolve a história sobre a característica principal do personagem que é dançar: *Ai chegou lá pegou, disque, dançou, dançou*, então há a quebra da calma dentro da história, o personagem hanseniano começa a se sentir mal: *Ai disque depois começou a querer dar uma íngua nele, uma febre*. O momento clímax da história organiza a ações do personagem, o interessante é que através da memória de Ester faz com os interlocutores imaginem os momentos do personagem.

Então há a surpresa da história acompanhada da reviravolta cômica: *Num sentia no pé, né. Ai, ele sentou no canto da árvore, mas eu ria muito disso demais, disque ele foi olhar a ficha tava enterrada no pé.* Houve a situação reparadora, o personagem transformou a situação constrangedora em uma situação irreverente: *“Leproso é ralado”, (risos) ele dizia, “olha leproso é ralado” disque tirou a ficha dá febre e íngua. Assim como ele sente, não sente. É a dormência.* Ester conta como um doente conseguia conviver com a insensibilidade o principal sintoma da hanseníase.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi anteriormente exposta em toda a pesquisa, a narrativa dos hansenianos da ex-Lázaropolis toda pesquisa, em Santo Antônio do Prata. A propriedade desafiadora do trabalho trouxe consigo os conceitos que são inseparáveis a esta pesquisa: a narrativa oral, literatura e história. Poderiam ser destacados os resultados como uma extensão de outros estudos sobre as narrativas orais e sua importância para a sociedade. Entretanto, não há novidade em trabalhar com narrativas orais, mas o grande diferencial desta pesquisa é o trato pelas informações contido como o corpus, considerado o esteio desde estudo, às narrativas dos filhos do regime de separação compulsória no combate contra a Lepra no Pará.

O assunto sobre o discurso narrativo destas pessoas que viram os ultrajes contra os “lázaros” foi a distinção deste trabalho comparado a outros tantos, pois as histórias (re)montam um determinado evento histórico carregado de preconceito e reorganização social. A pesquisa de campo permite trazer para dentro do ambiente acadêmico os aspectos etnográficos e os sentidos antropológicos da pesquisa do(s) outro(s) que são os abandonados no limite da sociedade pelos grupos dominantes.

Em registros da grande prosperidade financeira, em contrapartida a ineficiência do crescimento de cada cidadão nos aspectos educacionais e sociais. A história do constante abandono da população são reflexos da negligência da própria sociedade para si mesma. De fato, a história constitui-se dos acontecimentos vivenciados de maneira particular que faz constitui o coletivo. Ora, algumas partes dessas narrativas não foram vivenciadas pelos seus narradores, entretanto são extremamente condescendentes para a memória de um determinado grupo.

Desta maneira, a pesquisa desenvolveu-se a partir de uma entrevista, pela narração de Paulo Bocão, Manuel e Ester foi possível delinear os caminhos que a pesquisa precisava percorrer para (re)descobrir o passado do Prata. Foi através da individualidade narrativa que foi

possível tomar a dimensão histórica do local. O entrelace das informações oficiais com as narrações tornaram o trabalho singular.

Enfim, o que realmente foi almejado para este trabalho foi evidenciar a voz da população da Vila de Santo Antônio do Prata, através dos humildes moradores que colaboraram de forma tão significativa. A única forma destas pessoas que são discriminadas terem voz foi através deste trabalho, atendendo a um pedido de Paulo Bocão: *“eu sempre peço, que quando as pessoas fizerem seus relatórios, não esqueçam de mostrar essa questão que tu nos perguntou: o que mudou?”*. Após a leitura desse artigo o que mudou leitor?

AGRADECIMENTOS

A Deus, encarnado que ... “encheu-se de compaixão, e estendendo a mão sobre ele, o tocou, dizendo: Eu quero...” (Mc 1,41)

REFERÊNCIAS

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Do oral ao escrito: Implicações e Complicações na Transcrição de Narrativas Oraís**. In: Outros Tempos. Uema, vol.2, 2005, p. 156-166.

———. **Pés que andam, pés que dançam: memória, identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança(PA)**. Belém:EDUEPA,2011.

———. **Narrativa oral: estrutura e (per)forma**. In: A Palavrada. Bragança-Pa, n.4, 2013, p. 62-84.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 2004.

LE GOOF, Jacques. **História e Memória**. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1996.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. **O corpo: o homem doente e sua história**. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). História: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1995.

VELÔSO, Telma Maria Grisi. **Pesquisando Fontes Oraís em Busca da Subjetividade**. In: Oralidade e Subjetividade: os meandros infinitos da memória. Dulce Consuelo Andreatta Whitaker, Telma Maria Grisi Velôso (Organizadoras). Campina Grande: EDUEP, 2015.